

PEREGRINA PIACULA: GLOBALIDADE, OUTRIDADE E GÊNERO DOS EUNUCOS NA ANTIGUIDADE TARDIA A PARTIR DO *CONTRA EUTRÓPIO* DE CLAUDIANO (395-399 E.C)

Silvio Romero Tavares Neiva Coelho
Mestrando (PPGH-UFPE), Bolsista FACEPE
Pesquisador vinculado ao LEOM
silvioromerotavates@gmail.com

Bruno Uchoa Borgogino
Professor Adjunto do Departamento de História da UFPE
Coordenador do LEOM
uchoa88@gmail.com

Resumo

Eutrópio e Claudiano conviveram no fim do século IV, cada um em um dos lados do recém-dividido Império Romano. Do lado bizantino, Eutrópio era um eunuco que veio a se tornar cônsul; do lado ocidental, Claudiano era um poeta que escreveu várias obras sobre uma diversidade de figuras, entre elas duas são sobre o referido cônsul eunuco. O primeiro desses textos foi redigido no momento em que Eutrópio assume como cônsul e o segundo, quando esse deixa o cargo. Essas obras, nomeadas de *In Eutropium* ou *Contra Eutrópio*, são recheadas de versos que retratam a figura de Eutrópio como um sujeito desmerecedor de sua função, principalmente por ser eunuco e estrangeiro. Neste trabalho utilizaremos as categorias de globalidade, outridade e gênero para analisar a abordagem de Claudiano acerca de Eutrópio e avaliar a possibilidade do estudo dos eunucos na Antiguidade Tardia a partir dessas três categorias.

Palavras-chave: Globalidade; Outridade; Gênero; Eunucos.

Abstract

Eutropius and Claudian lived in the late 4th century, each on one side of the newly divided Roman Empire. On the Byzantine side, Eutropius was a eunuch who became consul; on the Western side, Claudian was a poet who wrote several works about a variety of figures, two of which are about the aforementioned eunuch consul. The first of these texts was written when Eutropius assumed the consulship and the second when he left office. These works, named *In Eutropium* or *Against Eutropius*, are filled with verses portraying Eutropius as unworthy of his position, mainly because he was a eunuch and a foreigner. In this paper, we will use the categories of globality, otherness, and gender to analyze Claudian's approach to Eutropius and evaluate the possibility of studying eunuchs in Late Antiquity through these three categories.

Keywords: Globality; Otherness; Gender; Queer Theory; Eunuchs.

Introdução

O fenômeno da castração e a existência de eunucos são relatados desde que a domesticação de animais começou a ser executada por humanos (Taylor, 2013, 4). Apesar de maiores ou menores detalhes serem dados a depender da sociedade a qual seja estudada a presença de eunucos é relatada no Mediterrâneo durante a Antiguidade Tardia, em Bizâncio, na China, na Índia, na Ásia Central, nas regiões de África abaixo do Saara, nas cortes das cidades italianas, no norte da África pré-ocupação muçulmana e na Península Ibérica muçulmana (Ringrose, 2007, 495). Neste trabalho pretendo utilizar um caso específico para avaliar a possibilidade de estudo dos eunucos na Antiguidade Tardia através de três conceitos teóricos: a globalidade, em conformidade com a perspectiva da História Global; outridade; e gênero, tal como preconizado pela Teoria Queer e pelos Estudos de Masculinidades.

O caso a ser observado é o de Eutrópio. Ele foi um eunuco escravizado que foi comercializado durante o século IV, conseguindo sua liberdade no ano de 370 E.C. e ascendendo à posição de prepósito do cubículo sagrado de Teodósio I. Serviu a Acádio a partir do ano de 395 E.C., primeiro como prepósito e homem de confiança do imperador, e posteriormente como cônsul no ano de 399 E.C, cargo do qual foi destituído no mesmo ano (Tougher, 2015, 149). Durante esse momento, Eutrópio foi objeto de dois escritos de Claudiano, um poeta e propagandista romano ocidental. Ambos os textos possuem tom pejorativo e visam desmoralizar a figura do eunuco. A identidade de gênero e a origem supostamente não-romana de Eutrópio estão entre os alvos favoritos do poeta romano. Será analisado o texto *In Eutropium*, sob as óticas propostas. *In Eutropium* é uma obra composta por dois livros escrita em latim no ano de 399 E.C.¹

Perspectivas Teóricas: globalidade, outridade e gênero

Para a análise proposta, recorreremos a três conceitos teóricos: globalidade, outridade e gênero.

Para delimitar o conceito de globalidade, amparamo-nos na História Global. Essa modalidade busca responder aos anseios deixados pela globalização, caracterizado por redes e entrelaçamentos. Em detrimento das origens europeias das ciências sociais e humanas, que tem sua origem vinculada aos Estado-nações que a fazia refém de um nacionalismo metodológico (Conrad, 2019, 13). Neste trabalho entendemos a História Global como uma epistemologia. Ela

¹ Para a análise será utilizada a versão bilíngue com o original em latim e a tradução para o inglês realizada por Maurice Platnauer em 1922 para a análise será utilizada a versão bilíngue com o original em latim e a tradução para o inglês realizada por Maurice Platnauer em 1922.

preza pela conectividade e pelos entrelaçamentos e busca se desvencilhar da ideia de centro. Nem de longe é uma história total, ou tem a pretensão de contar a História Universal.

Pensar a Idade Média com esta chave coloca em questão como podemos considerar a globalidade num período anterior à globalização. Para as sociedades pré-modernas a História Global se converte em uma busca pelas conexões temporais e espaciais, identificando analogias e paralelismos em detrimento de uma abordagem fechada. Busca-se, portanto, identificar os diversos níveis em que comunidades interagem entre si buscando evitar reducionismos generalizantes da escala macro, como pensar a cristandade, o islã ou, no caso deste trabalho, os romanos e os bizantinos. Ao mesmo tempo, buscar não se restringir a abordagens micro como pequenas vilas e vilarejos (Cândido, 2020, p. 7). O exercício de alteridade, de enxergar o outro para o medievalista é exaustivo pela prática da alteridade do tempo, enxergar um passado que está distante espaço e temporalmente e, que ele mesmo enxerga esse passado. A História Global é somada a esse problema, convidando à descentralização do espaço analisado, mas fornece também a possibilidade de descentralizar as epistemologias. O conceito de “consciência de globalidade”, demonstrado por Sanjay Subrahmanyam com sua variedade de crônicas medievais, podem fornecer um vislumbre do que seria esse medieval global (Silveira, 2019, p. 225), ao relatar o caso de Sima Qian, o historiador chinês da dinastia Han que relata em sua obra dois mil anos do que ele chama de história chinesa registra traço de suas próprias viagens, tendo inclusive relatado atuar como o intermediário entre o nós e o outro. E utiliza a sua concepção enquanto chinês dentro do mundo para escrever uma história que não se propõe total, mas é metodologicamente dotada de globalidade (Subrahmanyam, 2017, p. 224). A consciência de globalidade é portanto um conceito meta-histórico, associado a um fenômeno de percepção da totalidade conectiva, não obrigatoriamente associada à ideia de globalização e conexa em experiências distintas que permitiram à humanidade uma reflexão sobre a sua própria coletividade e aparece para a idade média como a reunião de temporalidades e espacialidades sobrepostas, manifestando a consciência de uma sociedade ao mesmo tempo conectada e interdependente (Silveira, 2022, 2-7). Quando pensamos nessa determinação, é no definir o outro que se define o si. A outridade é definida pelo outro dentro de si e é através dela que se relaciona com o outro (Neckel, 2021, 40). Nesse contexto, a busca pelo global nesse trabalho busca a delimitação do outro e a globalidade vai ser encontrada justamente nesse contato com o outro, o aspecto da outridade que apenas uma globalidade pode proporcionar.

No que diz respeito ao conceito de gênero, a Teoria Queer e os Estudos de Masculinidades se apresentam como ferramentas valiosas para a presente análise. A Teoria

Queer é oriunda do processo de consolidação dos *Lesbians and Gay Studies* nas universidades anglófonas a partir dos anos 1990. Apesar de inicialmente utilizada como termo coloquial para insultar membros da comunidade LGBTQIA+ o Queer passa a ser utilizado como um termo guarda-chuva para a variedade de autoidentificação culturalmente consideradas como corpos desviantes, assim como para designar um conjunto teórico que se desenvolve a partir dos estudos gays e lésbicos tradicionais (Jagose, 1996, 3).

Por sua vez, os Estudos de Masculinidades aparecem de forma mais marcante a partir dos anos 1980 com a formulação do conceito de masculinidades hegemônicas. Primeiro proposto como uma discussão conceitual em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas ele foi sistematizado no artigo *Towards a New Sociology of Masculinity*, publicado em 1985 por Tim Carrigan, Bob Connell e John Lee mais tarde foi integrado a uma teoria sociológica em *Gender and Power* por Raewyn Connell (Connell, 2013, 243).

Dentro desse contexto cabe a compreensão de gênero como um conceito historicamente mutável, assim como o sexo, pensando ambos no contexto discursivo/cultural (Butler, 2020, 27). Portanto definindo gênero como:

a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. (Butler, 2020, 33)

Estabelecendo um conceito de gênero cabe o entendimento desse quadro regulatório enquanto mecanismo discursivo que estabelece o que Paul B. Preciado chama de contrato social heterocentrado, isto é, uma lógica de regras impostas aos corpos com aparência de naturalidade (Preciado, 2014, 21). Esse conjunto de reflexões, prezando pelo estabelecimento da dicotomia gênero/sexo como um elemento discursivo regulador e normativo é que será utilizada como mecanismo de análise durante esse trabalho. Pretendo compreender as experiências *Queer* como toda exceção, toda exceção condenada a perversidade por aqueles que se adequam à norma e no processo tem sua identidade transformada em insulto paralisante justamente para que possa ser regulado (Butler, 2020, 369). Conjuntamente a estas reflexões as ideias de Raewyn Connell em relação às masculinidades se tornam valiosas na presente análise. A autora australiana propõe o conceito de masculinidades hegemônicas, destacando três pontos: as masculinidades são múltiplas e diversas mesmo dentro do mesmo grupo social; existe, entretanto, um modelo ideal com um padrão de práticas que mantêm a ordem de gênero binária

no lugar; por fim, esse modelo produz uma normatividade inatingível que reforçaria uma reprodução patriarcal e heterossexista de comportamento (Connell, 2013, 245).

Metodologicamente, as reflexões de Eve Kosofsky Sedgwick e David M. Halperin se tornam valiosas. Em *Epistemologia do Armário* (1990), Sedgwick reflete sobre a figura metafórica do armário e sua influência na vivência de sujeitos Queer – ou seja, aqueles considerados desviantes por um grupo hegemônico seriam condicionados à posição metafórica do armário. Mesmo que a identidade de determinado indivíduo esteja exposta a todos, a condição de sujeito queer está fadada a ser um segredo aberto, pois a ordem hegemônica, que ordeiramente chamamos heterossexualidade e cisgeneridade, é sempre presumida (Sedwick, 68, 1990). Halperin em *How to do the history of the homosexuality* (2002) evidencia que os corpos desses mesmos sujeitos são tanto atores materiais quanto semióticos, propondo uma abordagem de desconstrução do corpo a partir de sua historicização (Halperin, 2002, 84). Trata-se de buscar na documentação aquilo que se está oculto e apagado devido à sua condição de insulto, compreender as diversidades através da multiplicidade e do entrelaçamento dos contextos, permitindo assim retirar da História o armário que torna esses sujeitos ocultos.

Definidas as bases, cabe refletir como esses dois eixos se articulam. A articulação óbvia parece estar na chave do outro. O contato é o que o define o si que gera a necessidade de um outro, esse outro não necessariamente está contido nos espaços de fronteiras do estado nação, mas ele pode se tornar um outro de gênero. Como ao definir o gênero do outro constroi-se o gênero de si. A dinâmica de Claudiano e Eutrópio conversa duplamente nesse aspecto. Para Claudiano, Eutrópio é tanto o estrangeiro quanto o externo, o que representa sua conexão com o mundo, quanto é o espantinho que representa o perigo de escapar da normatividade.

Claudiano e Eutrópio

Que o mundo deixe de se espantar com o nascimento de criaturas meio humanas, meio bestiais, com bebês monstruosos que assustam suas próprias mães, com os uivos dos lobos ouvidos à noite nas cidades, com os animais que falam com seus rebanhos atônitos, com as pedras caindo como a chuva, nas nuvens de tempestade vermelho-sangue ameaçadoras, nos poços de água transformados em sangue coagulado, nas luas que se chocam no meio do céu e nos sóis gêmeos. Todos os presságios desaparecem diante de um cônsul eunuco. Ó vergonha do céu à terra! (Claudiano, *In Eutropium*, 1.01-09)².

Essas são as primeiras nove linhas de *Contra Eutrópio*, livro de dois volumes escrito pelo autor romano Claudiano. O próprio Claudiano é uma figura bastante conhecida para o

² Para referenciar a citação a cada documento, primeiramente indicamos o volume e, em seguida, os versos inicial e final. Para a obra completa ler a tradução de Maurice Platnauer.

mundo romano. O poeta escreveu diversas peças e frequentou as cortes da Roma Ocidental (Tougher, 2015, 150). O fato do autor escrever sobre um eunuco não é motivo de espanto, ainda mais retratando-os negativamente. Esses sujeitos são frequentemente mencionados nas fontes bizantinas, sendo geralmente caracterizados como sujeitos fisicamente deformados e moralmente depravados (Sideris, 2002, 161). Pensadores externos a Bizâncio enxergavam a ambiguidade de gênero como um fator de incômodo, um marcador de outridade que deve ser questionado tanto para aquele sujeito quanto para aquela sociedade do qual ele faz parte (Stewart, 2017, 35). Claudiano não parece se distanciar muito de outras fontes que descrevem eunucos nesse sentido.

Claudiano estabeleceu correspondências entre sua percepção do espaço geográfico, as relações com os povos vizinhos e a existência de um eunuco na corte. Numa dessas passagens, destacou elementos naturais e incursões de grupos não-romanos. As referências à natureza servem de demarcação para o mundo romano; para além desses marcos, estão os “bárbaros”, evocados no documento como perpetrados de uma ação violenta:

Será que o Nilo abandona o seu leito e, ao sair do solo romano, procura misturar as suas águas com as do Mar Vermelho? Será que a fissura de Niphates mais uma vez deixou passar uma série de bárbaros orientais para devastar nossas terras? (Claudiano, *In Eutropium*, 1.13-18)

A diversidade de espaços tanto que o autor reconhece como dele, enquanto romano, quanto os que identifica como externos demonstra que, mesmo que para fins poéticos, existia tanto na sua produção quanto nos possíveis leitores e ouvintes alguma consciência de globalidade. Se não um contato recente, pelo menos uma noção de possibilidade de contato com este outro estrangeiro. Essa noção de ameaça vinda de fora seria também uma forma de atacar o próprio Eutrópio, afinal ele mesmo não era romano de nascença.

Por que desfigurar a Itália beligerante com a mácula geral e contaminar os seus povos austeros com a sua devassidão mortal? Expulse essa poluição estrangeira³ para fora das fronteiras de nosso Lácio Viril; Não sofra com a vergonha de permitir essa coisa cruzar os Alpes; deixe-a permanecer fixa no país onde nasceu (Claudiano, *In Eutropium*, 1.425-430)

Em momento tão afastado do documento, percebe-se tanto a continuidade das regiões geográficas citadas, que seriam um indicativo mais rápido e direto da consciência de globalidade do próprio Claudiano estendida a seus leitores como a utilização dessa globalidade para construção de uma normatividade de gênero. Essa *peregrina piacula* demonstra uma

³ Peregrina piacula.

sequência de acusações feitas a Eutrópio. Primeiro, que ele seria um estrangeiro ocupando a capa de cônsul, o que por si só já seria escandaloso para a visão de Claudiano, segundo que este estrangeiro estava sendo responsável por trazer uma mácula que se opunha diretamente à virilidade do sujeito romano, ali representado pela metonímia do Lácio viril. Para Claudiano o sujeito era a terra e a terra estava sendo suja por um sujeito afeminado. A figura do escravizado era um mal menor. Essa sequência de afirmações nos revela uma diversidade de informações sobre o Eutrópio. Ele era um escravizado liberto e teria sido feito eunuco ainda criança.

Direto do ventre de sua mãe ele é levado às pressas para ser feito eunuco; assim que nasce, ele se torna vítima do sofrimento. Ele foi levado a um armênio que utiliza a sua precisa faca que faria homens femininos e repugnantemente aumentar seu valor com tal perca ele drena seus corpos do líquido semeador de vida (Claudiano, *In Eutropium*, 1.45-50)

A figura de Eutrópio circula por uma diversidade de espaços e temporalidades que demonstra que o próprio Claudiano precisou realizar um exercício de alteridade temporal, similar ao proposto pelo método da História Global, ainda que sem preocupação historiográfica.

Outro ponto é que, a principal fonte sobre a vida de Eutrópio vem de um sujeito que não esconde em momento algum a sua intenção de diminuir e de colocá-lo numa posição menos humana devido à sua identidade de gênero. Nesse momento Eutrópio se apresenta em uma interseção dos dois pontos propostos para este trabalho. Para o eixo de globalidade, a escrita de Claudiano sobre Eutrópio revela a consciência de conexões por parte do poeta, que inclusive as instrumentaliza para fins políticos. No que concerne às questões de gênero, Eutrópio emerge em posição de queeridade, tendo seu valor e sua imagem produzida por outro, se aproximando da lógica do armário proposta por Sedgwick que estamos aplicando aqui.

Em Claudiano, é possível extrair dados sobre o grupo do qual Eutrópio fazia parte:

Os eunucos pegam os Robes de Oficiais, esses seres sem sexo tomam para si a insígnia de Roma. Eles colocaram as mãos na toga que inspirou terror em Aníbal e Pirro. Agora eles desprezam os leques e buscam as capas de cônsul. Já não carregam mais as sombras da dama pois eles ousam empunhar os machados do Lácio (Claudiano, *In Eutropium*, 1.455–63)

Aqui, o poeta qualifica os eunucos como sujeitos que deveriam assumir posições femininas. Os leques na passagem se refere a este tipo de aproximação e as sombras da dama, ou *umbracula gestant virginibus*, parece remeter a outro modo de vida que estes eunucos costumavam adotar, o do celibato religioso. Apesar de ele mesmo não ser cristão o mundo onde Claudiano estava inserido era e foi uma preocupação de autores cristãos diversos a questão dos eunucos, ao ponto de que no concílio de Nicéia em 325 E.C. a prática de castração ritual para

sacerdotes cristãos foi proibida (Council of Nicea 325 E.C, canon 1). Evidenciando a presença de membros do corpo clerical que se tornaram eunucos, seja por castração ritual ou por punição. Suposição corroborada por relatos de época (HESTER, 2005). Essa posição de castidade de eunucos debatida em textos de Agostinho de Hipona, Orígenes de Alexandria, Clemente de Alexandria entre outros autores dos cristianismos dos primeiros séculos da Era Comum possuem em relação à Claudiano um elemento em comum. A emasculação do sujeito e diminuição de seu mérito social por ser eunuco. Esses sujeitos para o mundo romano eram desprovidos de sua masculinidade. O homem verdadeiro romano deve sempre cumprir o papel do penetrador e nunca do submisso (Williams, 2010, 180). O homem viril romano estava em oposição à mulher e ao eunuco e ele seria o representante máximo da perda de virilidade (Thuillier, 2013, 75). Nesse ponto parece óbvio que para Claudiano e para os seus leitores o texto seria congruente com o discurso de gênero. Existia, ainda, um porém: como Claudiano poderia convencer que esses eunucos além de não viris eram uma mácula estrangeira (*Peregrina Piacula*) com a presença dos Galli?

Os *Galli* eram sacerdotes da deusa Cibele.⁴ Esses religiosos participavam de um ritual no qual eram castrados (Silva, 2021, 3). A sua castração girava em torno do mito da deusa com seu consorte, Atis. Segundo o mito, a deusa teria castrado o seu consorte após ele ter provocado ciúmes na mesma ou tê-la traído, as versões variam. Independentemente da versão, a castração de Atis é o que motivava que os sacerdotes de Cibele realizassem o processo de castração ritual (Silva, 2021, 5). Esse processo de castração fazia com que por vezes esses sacerdotes fossem enxergados como figuras femininas por poetas romanos.⁵

Claudiano não é estranho à presença dos *Galli*, como evidenciado pelo trecho onde ele sugere que Eutrópio deveria prestar devoção à Cibele:

Ou, se você fosse um devoto, fosse Cibele, e não Marte, ser o objeto de sua adoração. Aprenda a imitar a loucura dos Coribantes ao acompanhar o rufar de tambores. Você pode carregar címbalos, perfurar seu peito com o pinheiro sagrado e com a faca frígia destruir o que ainda resta de sua virilidade. (Claudiano, *In eutropium*, 1.272-280)

A solução para a presença dos *Galli*, portanto, se torna óbvia para Claudiano. O poeta retoma a origem Frígia de Eutrópio e a associação entre eunucos, mundo externo e falta de masculinidade.

⁴ A deusa conhecida era como *Magna Mater*, em latim, e *Μεγάλη Μητήρ*, em grego, ambos significando A Grande Mãe. Já a designação dos seus sacerdotes alude ao Rio Galo na região da Frígia, atual Turquia.

⁵ Não pretendemos nos alongar nas discussões sobre os Galli e os desdobramentos de suas interpretações literárias. Cf. Silva, 2021.

Se uma mulher tivesse segurado o Fascio, embora isso fosse ilegal, seria menos vergonhoso. As mulheres já governam entre os Medos e os ligeiros Sabeus: Metade dos bárbaros são governados por rainhas guerreiras. Não conhecemos nenhum povo que agüente o reinado de eunucos. A adoração é prestada a Pallas, Febe, Vesta, Ceres, Cibele, Juno e Latona; já vimos um templo construído ou altares erguidos para um deus eunuco?’ (Claudiano, *In Eutropium*, 1.320–327).

Logo, o autor reconhece que, apesar de inferiores às autoridades romanas, existia a possibilidade de liderança feminina no estrangeiro. O que seria diferente de um sujeito como Eutrópio assumir a liderança: eunucos em postos de comando não apenas seria um indicativo de influências externas como também seria uma deturpação desses estrangeirismos. Claudiano se mostra preocupado com o estabelecimento de um Outro que é não-romano, exemplificado na figura do eunuco, não-masculino e não-digno. Apesar da presença desses mesmos sujeitos no mundo romano do qual Claudiano fazia parte, a retórica do autor estabelece a ambigüidade de gênero, o não-masculino, o estranho, o Queer como vindo de fora e o atribui de noções negativas para este estrangeiro.

Posteriormente na escrita do segundo livro, o autor comemora o exílio de Eutrópio:

O nobre Eutrópio, que recentemente empunhava as rédeas do poder supremo, mais uma vez teme os golpes familiares; e, logo sentindo as habituais algemas em seus pés hesitantes, ele lamenta que suas ameaças contra seus senhores tenham desaparecido inutilmente. A fortuna, farta de sua loucura, expulsou-o de seu alto cargo e o restaurou ao seu antigo modo de vida. Ele agora se prepara para cortar madeira com outro machado que não o consular e é finalmente açoitado com as varas que antes carregava com orgulho. Ao castigo imposto por ele quando cônsul, ele próprio como cônsul sucumbiu; o ano que lhe trouxe o manto do cargo trouxe-lhe o exílio. (Claudiano, *In Eutropium*, 2.01-10)

O segundo livro segue esse tom celebrativo. A posição de eunuco era digna de punição. A descrição das cenas seguintes destaca a posição de depravação de Eutrópio. A sua tirania vem de sua falta de masculinidade, “*Mollis feminea detruditur arce tyrannus*” (Claudiano, *In Eutropium*, 2.12). Ele caiu não por ações externas ou esquemas políticos de algum grande líder, mas porque sua depravação moral, que para Claudiano era ontológica a sua sexualidade, trouxe uma punição divina.

Há inúmeros mestres reunidos ao redor, cada um exigindo de volta seu escravo, inútil exceto para castigo. Por mais repugnante que ele seja e ainda mais sujo de espírito do que de rosto, a própria raiva que sentem contra ele os fará pagar; vale a pena comprá-lo simplesmente para punir. (Claudiano, *In Eutropium*, 2.25-30)

A punição que ele merece se dá pelo descumprimento das normas de gênero. Eutrópio teria sido uma figura incômoda para Claudiano pela sua ambiguidade de gênero e a punição cabível a ele viria por este desrespeito.

Em dada passagem do documento, Claudiano questiona sobre o que seria a vida de Eutrópio dali em diante, levantando uma herança viajante:

Que terra ou país você visitará agora, eunuco? Aqui o ódio te cerca, aí a tua popularidade foge; ambos os tribunais proferiram a tua condenação em qualquer metade do mundo; nunca foste do Ocidente, agora o Oriente também te repudia. Admira-me que tu, cega Sibila. (Claudiano, *In eutropium*, 2.34-38)

Esse trecho levanta várias possibilidades sobre a globalidade que envolve o retrato de Eutrópio por Claudiano. O primeiro é a situação desse eunuco como viajante, tropo já relativamente comum para se referir a possibilidades de agentes globais. Mas também o discurso acerca dele apela à sua condição queerizante globalizada, apontando que será o estranho e o não-normativo em todo canto que deva ir. Uma figura lotada de estrangeirismos e místicas que o tornavam representante de uma outridade de gênero e de local, num contexto mediterrânico consciente da própria globalidade.

Considerações finais

A investigação da obra de Claudiano sobre Eutrópio não é uma novidade. Eles foram explorados para relatar a vida de Eutrópio, as identidades de gênero de eunucos na antiguidade tardia e o contexto político e literário da época, sendo um texto de grande importância para análise das relações entre o Império romano ocidental e o Império Bizantino (Tougher, 2015, 150).

Durante a obra podemos perceber como Claudiano, ao relatar os casos de Eutrópio, se preocupa em destacar a sua conexão com diversos pontos do globo e buscando colocar como esses outros espaços se relacionam com ele, com Eutrópio e com os leitores. Evidentemente o caso de Sian Qian destacada por Sanjay Subrahmanyam retorna em Claudiano. Assim como o historiador chinês ele se preocupa em definir um outro e caracterizá-lo dentro de um globo para poder diminuí-lo. Sendo um dos casos possíveis de observar para pensarmos uma Idade Média Global.

Ao mesmo tempo, Claudiano se preocupa em definir esse outro em relação ao seu gênero. Utilizando Eutropius como exemplo do que ele considerava uma depravação moral, o poeta define a posição possível a eunucos dentro da normatividade romana. O autor, ao estabelecer qual não seria a masculinidade ideal, ou melhor, o que não seria viril e romano,

acaba por determinar discursivamente que modelos hegemônicos de masculinidades podem ser válidos dentro daquele universo. Ao passo que o faz ele também estabelece discursivamente a Eutrópio, e por consequência a qualquer outro eunuco a posição do estranho, do queer, do condenável ao insulto paralizante de sua existência.

Esses dois eixos não existem de forma independente, enquanto estabelece a imagem do outro que deve ser diminuída e discute a sua relação com o global. Claudiano impõe a ele uma condição queerizante. Esses dois eixos não acabam por existir de forma indissociada, eles se misturam e se confundem durante a poética claudiana, emaranhado por entre os versos uma condição globalmente queer.

Referências

Fontes Primárias

CLAUDIANUS, Claudius. *Claudian with an English Translation by Maurice Platnauer (Complete)*. London: Library of Alexandria, 2020.

First Council of Nicaea, **Documenta Catholica Omnia**, Vaticano 325 D.C ; Disponível em <https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0325-1965_Concilia_Oecumenica_Documenta_Omnia_EN.pdf> Acesso em 21 de Fev de 2024.

Bibliografia Crítica

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo.” [S.l.]:N-1, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **Uma História Global antes da Globalização?** Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História*, n. 179, p. 1–19, 2020.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.

CONRAD, Sebastian. **O que é História Global?** Lisboa: 70, 2019.

HALPERIN, David M. **How to Do the History of Homosexuality**. Chicago: University of Chicago, 2002.

HESTER, J. David. **Eunuchs and the Postgender Jesus**: Matthew 19.12 and Transgressive Sexualities. *Journal for the Study of the New Testament*, v. 28, n. 1, p. 13–40, 2005.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory**: An Introduction. New York: NYU, 1996.

- NECKEL, Kauê Junior. **Situações de Outridade**: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731-899). 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: Schwarcz - Companhia das Letras, 2022.
- RINGROSE, Kathryn M. **Eunuchs in Historical Perspective**. *History Compass*, v. 5, n. 2, p. 495–506, 2007.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. California: University of California, 1990.
- SIDERIS, Georges. “Eunuchs of Light” Power, Imperial Ceremonial and Positive Representations of Eunuchs in Byzantium (4th-12th centuries AD). TOUGHER, S. (Org.). **Eunuchs in antiquity and Beyond**. London: The Classical Press of Wales and Duckworth, 2002.
- SILVA, S. C. Os Galli Sacerdotes de Cibele . **Notandum**, n. 56, p. 1-22, 2021.
- SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, v. 8, n. 2, p. 210–236, 2019.
- SILVEIRA, Aline Dias Da.. Imago mundi: consciência de globalidade e cosmografia medieval. **Anos 90, Porto Alegre**, v. 29, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.110355.
- STEWART, Michael Edward . **Breaking Down Barriers**: Eunuchs in Italy and North Africa, 400–620. *Byzantine Culture in Translation*. Leiden: Brill, 2017.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 219–240, 2017.
- TAYLOR, Gary. **Castration**: An abbreviated history of Western manhood. [S.l.]: Routledge, 2002.
- THUILLIER, Jean Paul. Virilidades Romanas: Vir, virilitas e virtus. In: VIGARELLO, Georges (Org.). **História da Virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013, 3v. v. 1. p. 73 124.
- TOUGHER , Shaun. The Aesthetics of Castration: The Beauty of Roman Eunuchs. In: TRACY, Larissa. **Castration and Culture in the Middle Ages**. Rochester: DS Brewer, 2013.
- TOUGHER , Shaun . Eunuchs in the East, Men in the West? Dis/unity, Gender and Orientalism in the Fourth Century. In: DIJKSTRA, R.; VAN POPPEL, S.; SLOOTJES, DANIELLE (Org.). **East and West in the Roman Empire of the Fourth Century**. Leiden: Brill, 2015. p. 147–163.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality**: Second Edition. New York: Oxford University Press, 2010.